



A MARGINALIZAÇÃO DE MACABÉA EM *A HORA DA ESTRELA*

Cyntia dos Santos Jorge
(Especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade e Licencianda em Letras-
IFFluminense)

Thiago Eugênio Loredo Bêta
(Mestre em Cognição e Linguagem- UENF/ IFFluminense)

Resumo: este trabalho tem como objetivo analisar a obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, último livro regido pela autora, considerado um dos mais complexos. Antônio Cândido (1980) acredita que muitas obras literárias servem como auxílio para assinalar aspectos sociais, e é exatamente o que Clarice singularmente aponta a respeito da representação social na literatura da personagem Macabéa, uma mulher deslocada socialmente, praticamente condenada à marginalidade. Para tanto, a obra é visitada com o objetivo de se identificar as várias facetas da marginalização: pela identidade social alienada, pela condição de migrante e de mulher e pela expressão linguística.

Palavras-Chave: Literatura, Marginalização, Clarice Lispector

1. Introdução

Dentre os estudos disponíveis sobre a produção literária de Clarice Lispector, encontra-se o tema da marginalidade vivida pela personagem Macabéa no romance *A hora da estrela*¹, publicado por Clarice em 1977, mesmo ano de seu falecimento. O termo marginalização, vinculado ao verbo “marginalizar”, segundo o dicionário Houaiss, significa “impedir a participação de (alguém) em grupo, meio social, vida pública etc.; tornar-se um marginal”. (HOUAISS, 2004, p. 481). A partir dessa ideia, este trabalho tem por objetivo apresentar a condição marginal da personagem Macabéa, a sua invisibilidade, partindo-se de três perspectivas: a da sua identidade social alienada, apoiando-se nos estudos de Stuart Hall (2003) e de Marilena Chauí (2002); da sua condição de migrante e mulher, com as questões abordadas por Ivana Vilane de Freitas Barankievicz (2014), Angélica Passos Silva e Fani Miranda Tabak (2017) e Sirlane Santos Silva (2012); e da sua dificuldade com a expressão linguística, correlacionando às análises de BARANKIEVICZ (2014).

A personagem protagonista foge dos estereótipos femininos que são apresentados nos outros romances da mesma autora: como Joana, de *Perto do Coração Selvagem*, uma mulher que não se submete às boas regras da vida civilizada, nem se adapta aos protocolos do cotidiano burguês; ou Virgínia, de *O lustre*, mais objetiva e reta que Joana; ou Lucrecia Neves, de *A cidade sitiada*, mulher prática que aposta tudo na vida exterior, diferente de Joana e Virgínia; ou as personagens Vitória e Ermelinda, de *A maçã no escuro*, envolvidas com Martim, e representam o amor de formas diferentes; ou uma mulher burguesa que se apresenta pelas

1 A edição analisada é a de 1998, da editora Rocco, que capitula 87 páginas.



iniciais G. H. em *A paixão segundo G.H.*; ou Lóri, de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, uma mulher que precisava atravessar o deserto para se ver pronta para o amor; ou ainda a narradora pintora-personagem, de *Águia viva*, que é alguém que fala de sua esperança de capturar o instante, acostumada a crer na consistência das coisas e na aparência firme do real; e também Ângela Pralini, de *Um sopro de vida*, que é um personagem que dialoga com o Autor.

Apesar de citar 12 títulos na folha de rosto, Clarice Lispector opta por nomear o romance como *A hora da estrela*. Assim, à medida que a história progride, o leitor supõe que a personagem Macabéa viverá, mais à frente, um momento de glória, pois a descrição inicial que se tem dela é a de um sujeito excluído, do qual, geralmente, espera-se um futuro triunfante. Em *A hora da estrela*, o leitor tem a expectativa de que Macabéa fará uma transição inversa a de G.H. Em *A paixão segundo G.H.*, a protagonista é uma mulher da alta sociedade carioca que passa por uma autodescoberta ao se confrontar com o vazio deixado no quatinho dos fundos, quando a empregada doméstica decide partir. G.H. vai da aparente polidez burguesa à grotesca animalidade, ou seja, ela transita do “estrelado” social à escuridão da invisibilidade. Macabéa, por outro lado, nasce na invisibilidade.

2. *A hora da estrela*

Visitando a literatura de Clarice Lispector, e aqui damos ênfase aos romances, 1944 foi o ano do seu primeiro: *Perto do coração selvagem*, tendo sido contemplada com o prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras, no ano seguinte. A partir daí, muitos outros frutos de sua escrita foram publicados, a colocando em cena na carreira literária brasileira. Em 1946, publicou *O lustre*, em 1949, *A cidade sitiada*, em 1961, *A maçã no escuro*, em 1964, *A paixão segundo G.H.*, em 1969, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, em 1973, *Água viva*, em 1977, *A hora da estrela* e, em 1978, *Um sopro de vida*. Dentre esses, este artigo tem como objetivo analisar o romance *A hora da estrela*, seu último livro publicado em vida.

O enredo da obra se desenvolve a partir do instante em que o narrador Rodrigo S.M. captura o olhar de uma nordestina na rua, perdida no meio da multidão, que passa por ele. Macabéa, “a infeliz nordestina”, perdeu os pais e foi criada pela tia, e vai para a cidade grande, Rio de Janeiro, acaba morando num cortiço e trabalha como datilógrafa num escritório onde também trabalha Glória, sua amiga, que depois lhe rouba o namorado Olímpico. Ele representa o “cabra macho” que sonha em ser deputado. Após o término do namoro, Macabéa procura uma cartomante que lhe prevê um futuro promissor diante da esperança de um final feliz, de um provável estrelato.

Há duas linhas para a narração, uma em que a história é contada em primeira pessoa, quando o narrador, Rodrigo S. M., eleito por Clarice para contar a história, também nordestino que é; e o narrador em terceira pessoa, quando narra a história de forma onisciente, conhecendo o passado das personagens, os sentimentos e os sonhos delas.

O discurso da narrativa é apresentado em dois planos, alternando-se entre direto, com poucos diálogos, e indireto, repleto de digressões em que o narrador nos apresenta outras tomadas para o entendimento da história. E há os espaços internos em que a narrativa acontece, o quarto de Macabéa na rua do Acre, e o escritório onde trabalha na rua do Lavradio, além de cenas em espaços externos, como no cais, nas ruas, na casa da cartomante e no zoológico.

Quanto à linguagem e aos recursos expressivos, o vocabulário escolhido pela autora é simples e coloquial, apresentando termos distantes da vida da protagonista, com os quais ela encontra nas escutas da rádio. E a procura por reproduzir impressões e sentimentos pode ser



percebida pela expressão “explosão”, que volta e meia o leitor encontra no meio da narração, sendo um recurso para deixá-lo mais atento ao momento de emoção importante.

Ao criar a personagem protagonista do romance, Clarice Lispector levanta a questão da marginalização do ser humano em vários aspectos. Esses fatores enunciam que a literatura tem uma relação intrínseca com a sociedade, apontando aspectos sociais, pois “as obras espelham ou representam a sociedade” (CANDIDO, 1980, p.10). Ou ainda, nas palavras de Clarisse Fukelman, em “Escrever estrelas (ora, direis)”, prefácio à edição de 1991 do romance, “o crédito atribuído à ficção como via de acesso à compreensão do mundo” (FULKEMAN, 1991, s/p).

A obra *A hora da estrela*, então, traz dimensões sociais evidentes: a referência a espaços (Nordeste, Rio de Janeiro), questões sobre classe social, identidade, representação, cultura e atitudes das personagens. Todos são aspectos que cruzam com a personagem protagonista, numa escrita com estilo único, marca da escritora, conforme aponta Antônio Cândido, ao afirmar que “Clarice aceita a provocação das coisas à sua sensibilidade e procura criar um mundo partindo de suas próprias emoções, da sua própria capacidade de interpretação” (CANDIDO, 1970, p. 128).

E por apresentar esse aspecto subjetivo, Clarice era criticada por ser uma escritora que não considerava o social. José Castello diz que

Desde seu primeiro livro, Clarice Lispector cansou de ouvir a reclamação de que só conseguia escrever sobre sentimentos, e nunca sobre a realidade. A avaliação a indignava, certa de que ela incluía uma visão empobrecida do real, que é mais complexo e menos visível e ordenável do que, em geral, consideramos. As vésperas de sua morte, como que tomada pela decisão de não legar ao passado uma crítica injusta, Clarice decidiu que escreveria um “romance realista”. *A hora da estrela*, publicado em 1977, mesmo ano em que veio a falecer, não guarda evidentemente nenhum dos aspectos mecânicos e de espelhamento do realismo clássico (CASTELLO, 2011, P.209).

Sendo assim, Clarice apresenta o oitavo romance com a reflexão a respeito não apenas do real, mas também da nossa dificuldade de capturá-lo, o que está enunciado pela história da protagonista Macabéa.

3. A marginalização

O fragmento abaixo do romance apresenta o diálogo entre Macabéa e o namorado Olímpico, em um banco de praça pública.

Ele: - Pois é.
Ela: - Pois é o quê?
Ele: - Eu só disse pois é!
Ela: - Mas “pois é” o quê?
Ele: - Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
Ela: - Entender o quê?
Ele: - Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
Ela: - Falar então de quê?
Ele: - Por exemplo, de você.
Ela: - Eu?!
Ele: - Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
Ela: - Desculpe mas não acho que sou muito gente.
Ele: - Mas todo mundo é gente, Meu Deus!



Ela: - É que não me habituei.
Ele: - Não se habituou com o quê?
Ela: - Ah, não sei explicar.
Ele: - E então?
Ela: - Então o quê?
Ele: - Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: - É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para ser possível?
Ele: - Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: - Acho que não sei dizer.
Ele: - Não sabe o quê?
Ela: - Hein?
Ele: - Olhe, até estou suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: - Sim, está bem, como você quiser.
Ele: - É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
- É?
- Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
- Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender. (LISPECTOR, 1998, p48-49).

A conversa entre o casal apresenta todas as características da marginalidade. No trecho em que Olímpico pede para mudar de assunto porque Macabéa não o entende, e depois ela insiste perguntando do que falar, ou entender o quê, estamos diante da marginalização linguística. Já o trecho em que Macabéa afirma “não acho que sou muito gente”, enuncia a marginalização identitária, a alienação. Ou ainda, no final, quando Olímpico diz “de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim” há a denúncia da marginalização diaspórica; além da diferença entre os dois nordestinos migrantes, pois ele percebe a migração como uma possibilidade de mudança, diferente dela. A partir disso, desenvolveremos, a seguir, as discussões a respeito dessas marginalizações.

3.1. “História Lacrimogênica de Cordel” - condição de migrante e mulher

Encontramos na literatura brasileira exemplos de obras que documentaram e denunciaram os problemas sociais do país, como a questão da exclusão, ou o drama do sertanejo. Um exemplo disso está em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, de 1938, que mostra a luta inglória de uma família pela sobrevivência na caatinga brasileira.

Borges (2014), em dissertação intitulada *A culpa é minha ou A hora da estrela?: uma análise do romance A hora estrela de Clarice Lispector*, esclarece que, a partir de 1940, há uma mudança no curso da prosa brasileira, deixando de lado a “literatura regional”, buscando, nas palavras de Antônio Candido, uma “expressão literária de inteligência formal e pesquisa interior” (CANDIDO, 1980, p.33). E é nesse contexto que surge a significativa publicação de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, em 1944, abrindo para a narrativa da experiência de solidão da protagonista, com a temática da condição humana em meio a um mundo caótico, o que possibilita a tomada de *A hora da estrela*, mais tarde, em 1977. Fukelman elucida que “A reflexão sobre o projeto ficcional em *A hora da estrela* será o meio pelo qual denuncia as



máscaras sociais que encobrem a crise fundamental do indivíduo, alienado de si em rígidos papéis sociais” (FUKELMAN, 1991, s/p).

Quando o narrador Rodrigo S. M. nos apresenta a protagonista da história, Macabéa, ele a nomeia em várias páginas como “nordestina”, antes mesmo de nos apresentar o seu nome, o que somente ocorre na página 43, de 87 páginas da obra. Não por acaso a escolha pela expressão, pois ela é uma personagem que se retira do Nordeste², em busca de uma vida melhor, e vai para o Rio de Janeiro, região Sudeste do país.

Historicamente o Nordeste significou esse espaço em que a pobreza imperou, marcado por momentos em que ocorreu grande fluxo de migração para as grandes metrópoles, com migrantes fugindo da seca, da fome e da miséria, especialmente por volta dos anos 30 do século passado. Conforme nos relata Silva (2012), por causa do fluxo migratório e por causa de organizações políticas ou recortes tendenciosos sobre a região do Nordeste, a imagem do nordestino ficou atrelada à inferioridade e ao atraso. Barankievicz (2014) elucida que os migrantes ao chegarem às grandes cidades se aglomeram nas zonas suburbanas e vivem num sistema de exclusão.

Quando se trata de migração nordestina, tudo se passa como se fosse uma decorrência econômica e social “natural”, levando-se em conta a construção imaginária de o no Nordeste só se tem fome e seca, assim, a migração é uma consequência esperada. Com isso, acredita-se que o nordestino destina-se a ser um eterno migrante, pobre e flagelado. De certo modo, essa representação social contribui para criar a invisibilidade histórica em tono dele, deslocando as questões para outros que não favorecem o surgimento de uma história social que os inclua (BARANKIEVICZ, 2014, pp. 214-215).

Como Macabéa há muitas outras. O narrador nos aponta isso quando diz que “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam”. (LISPECTOR, 1998, p.14). E como outras, Macabéa é o retrato da exclusão social.

O conceito sobre exclusão social consiste em não aceitar as diferenças que cada um possui dentro de um determinado meio. É isolar um sujeito por não se enquadrar nos parâmetros que a sociedade entende como imprescindível para ter uma vida com dignidade, aqueles que não possuem o perfil ideal são ignorados diante dos demais. (SILVA, 2012, p. 60).

Entender que a protagonista deste romance sai de Maceió para viver na região Sudeste do Brasil, migrando internamente dentro do seu país, e essa migração representar mais um retrato do migrante pobre e marginalizado, é o primeiro plano deste trabalho. A migração, muitas vezes, surge por escolha ou por necessidade, e o ser diaspórico se encaixa nessas consequências, pois um mundo globalizado conduz várias pessoas a buscar alternativas, que no lugar de onde se originam não encontram. E nesse caso está Macabéa, que se muda em busca de melhores condições de vida.

Para falar de diáspora é necessário retomar um ponto crucial, o da identidade. Para Barankievicz (2014), quem analisou a questão da diáspora e das identidades culturais em *A hora da estrela*, o conceito vem se transformando com o tempo, e agora não há mais a possibilidade de conceber o indivíduo como um ser isolado.

2 Na verdade, Macabéa acompanha a tia nessa jornada, o que mais tarde será apontado como uma outra questão a ser analisada.



Assim, surgia o sujeito sociológico em decorrência de sua relação com o outro e com a sociedade. O sujeito ainda tinha sua essência interior, contudo, o seu ‘eu’ forma-se num diálogo contínuo com os mundos culturais e as identidades outras deste mesmo mundo.

Mas o processo de globalização, na segunda metade do século XX, aboliu por completo a noção de identidade como entendida até então. Todo esse processo produziu, na sua radicalização, o sujeito pós-moderno que tem como marca a ausência de uma identidade fixa, essencial e permanente. Ao contrário, a identidade passa a ser considerada como em constante mutação. (BARANKIEVICZ, 2014, pp. 213).

Baseando-se nas análises de Stuart Hall em *Identidade cultural na pós-modernidade*, Barankievicz nos apresenta que a globalização nos expôs à questão da diáspora e às consequências nos processos de identidade. A diáspora do eixo Sul-Norte envolve massas que fogem da fome, das guerras internas e das condições que o modelo capitalista as impôs. Isso sem contar com o hibridismo resultante desses encontros das diversas culturas. Os conflitos desse indivíduo em trânsito também estão abordados no romance “A hora da estrela”. Macabéa é uma migrante nordestina oprimida que sofre as consequências dessa situação diaspórica. E como já dito, quando se trata de migração nordestina, esta sempre é vista como algo natural em decorrência econômica e social, o que nos leva a crer que no Nordeste há apenas fome e seca, e a migração é uma consequência esperada.

Há dois pontos a serem destacados a partir da migração. O primeiro diz respeito à perda da identidade e desenraizamento, pois há “perda das relações sociais constitutivas dos referenciais que formam a identidade” (BARANKIEVICZ, 2014, p. 215). E há o sentido da migração como ato de resistência, o que pode significar um desejo de mudar ou de não se conformar. A migração de Macabéa parece não se encaixar no segundo sentido, pois a migração torna a personagem desenraizada na cidade do Rio de Janeiro, mas não é apenas por estar em diáspora, como outros tantos nordestinos, mas também, e esse ponto é chave no entendimento da personagem Macabéa, por não se sentir pertencente a nenhum grupo. O trecho abaixo esclarece nas palavras do narrador:

Ela que devia ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: “desiguinar”. (LISPECTOR, 1998, p.15)

Macabéa já nasce marginalizada, pois sua história de vida a diferencia de outras personagens do romance. A diferencia inclusive de Olímpico, nordestino como ela, apesar de estarem alocados no mesmo espaço e condição social. Macabéa além de ser pobre e ignorante, é mulher.

Já Olímpico, apesar de estar ‘no mesmo barco’ de Macabéa, pelo simples fato de ser homem, consegue lidar de certa forma melhor com sua condição, não chegando a superá-la, mas conseguindo se enquadrar e viver no meio apesar de sua posição social. (SILVA & TABAK, 2017, p. 184).



A condição de mulher da personagem aponta para uma marginalidade de gênero, fazendo com que Macabéa seja uma mulher marginal dentro da própria marginalidade migrante que já experimentava. No diálogo apresentado no início dessa seção, temos um exemplo da marginalização de gênero, pois olímpico de Jesus perde a paciência com Macabéa e questiona se ela não acredita nele, eis que ela responde: “Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender”.

Silva & Tabak (2017) apontam que *A hora da estrela* retrata a sociedade do século XX, e os efeitos da modernidade. As personagens desta narração revelam uma sociedade fluida, capitalista e impaciente, além de uma mão de obra facilmente substituível. A diáspora é um dos efeitos do progresso, pois desembarcam imigrantes de todas as partes no Rio de Janeiro, e para as mulheres essa substituição da mão de obra parece ter um fator a mais, pois “o trabalho feminino portava-se como uma ocupação transitória que deveria ser deixada quando ocupassem a verdadeira missão da mulher de ser esposa e mãe” (SILVA & TABAK, 2017, p. 188).

Macabéa é apresentada como uma mulher vítima dos estereótipos de uma infância vivida no sertão de Alagoas. Perdeu os pais cedo e foi criada por uma tia beata, que lhe ofereceu uma educação muito cruel. Viveu uma infância isolada e, inclusive, foi proibida de brincar com as demais crianças. Não soube o que era ser criança, pois desde cedo passou a ajudar a tia a cuidar da casa: “a moça era hoje o fantasma suave e terrificante de uma infância sem bola nem boneca” (LISPECTOR, 1998. P. 33). E todo esse isolamento se potencializa após a morte da tia, na grande metrópole para onde se mudaram.

3.2. “Ela que se arranje” - identidade social alienada

Quando a protagonista dessa narração se declara não ser “muito gente” na conversa com seu namorado, há um ponto importante para a análise de outra faceta da marginalidade experimentada por ela: a questão da identidade. Para Stuart Hall,

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2003, p.11).

Macabéa não é, portanto, apenas excluída por ser nordestina, é também por vivenciar dramas existenciais. Ela apresenta uma falta de consciência de sua condição humana, coisa que nem mesmo ela fazia ideia. Tinha dificuldade na relação com as demais personagens, o que lhe gerava muitos problemas. Os diálogos com as outras pessoas são poucos na narrativa e, muitas vezes, a coloca em apuros, pois ela não consegue se fazer entendida, nem entender os outros. E sua única fonte de informação com o mundo era a rádio “Hora certa e cultura”, que lhe apresentava as informações picotadas de palavras soltas.

Falar da protagonista dessa história é falar dos que estão no seu entorno, do seu convívio com os demais, pois a identidade se forma no diálogo. Por apresentar falta de consciência de sua condição humana e aceitar a sua realidade sem questioná-la, o que a diferencia das demais personagens, tornando-a distante das pessoas de seu convívio. A forma com a qual Macabéa é descrita pelo narrador, a chamando de feia, encardida, mal cheirosa, inócua e virgem, comparada a “uma barata tonta” demonstram que ninguém a quer por perto, nem seu namorado. Ela aparece como um mero acaso e um ser “incompetente para a vida”, nas palavras do narrador. Tanto que ele nos informa o nome da nordestina apenas na metade do livro.

Possuindo pouco estudo, ela aprendeu o ofício de datilógrafa com a tia, o que a fez ganhar “dignidade”. As duas únicas formas de ela se encontrar no mundo se davam pela “Coca-



Cola”, pois era a bebida predileta dela, e por se satisfazer em dizer que era “datilógrafa”. O primeiro elemento a faz se identificar dentro da sociedade, e o segundo a coloca em um posto de trabalho, o que garante sua sobrevivência no mundo. Era o mínimo de identidade que ela tinha. A falta de consciência de sua existência é enunciada também pela memória individual fragmentada da personagem. Silva (2012) destaca que a memória individual tem relação direta com a memória dos grupos sociais. Porém Macabéa vivia isolada, convivendo com a tia até a morte desta, e a tia era seu único elo com o mundo.

Em Macabéa percebemos que a marginalidade é determinada pelo deslocamento, o que afeta o indivíduo que chega ao novo espaço sem o domínio do meio que passa a perceber. Além da posição socioeconômica que passa a ter, com empregos subalternos e moradia em áreas suburbanas.

Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie da ausência que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim. (LISPECTOR, 1998, p. 24).

O narrador demonstra que a personagem tem incapacidade para lidar com tudo, até com a vida. Era uma datilógrafa ruim, pois tinha de datilografar letra por letra, sem entender o que batia à máquina. Não tinha sequer consciência de existir, e não a tendo não tinha condição social para superar sua situação. Macabéa não possui os meios que lhe permitem a tomada de consciência. Ela vivia alienada. Marilena Chauí (2002) aborda que alienação não se aplica ao sujeito consciente. Os sujeitos criam uma imagem fantasiosa que conduz suas vidas. E a partir do momento em que o sujeito não tem domínio sobre suas atitudes e desejos, está-se provavelmente diante de um sujeito alienado, que não tem importância para a sociedade, sendo, então, aliado do meio, ficando sempre à margem. A personagem era inútil para a sociedade em que está inserida. “O senso comum de nossa sociedade considera útil o que dá prestígio, poder, fama e riqueza. Julga o útil pelos resultados visíveis das coisas e das ações, identificando utilidade e a famosa expressão *levar vantagem em tudo*” (CHAUÍ, 2002, p. 18).

O narrador Rodrigo S. M. em vários momentos nos apresenta que a protagonista desta história vive sem perceber a própria existência. Exemplo disso está nessa passagem a seguir: “ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo” (LISPECTOR, 1998, p. 23). Ou ainda, “a pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham. (LISPECTOR, 1998, p. 16). E Silva (2012) nos explica que a alienação do sujeito consiste em aceitar de maneira parcial ou total tudo o que existe. A maioria das coisas são normais, e o alienado não se reconhece como um ser no mundo que provoca estranhamento entre ele e a natureza. É a imagem do homem inconsciente e solitário. Assim era Macabéa, que se dói o tempo todo e não sabe de onde vem a dor. Ou quando tem um momento sozinha, quando nasce uma emoção.

ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruí de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. (LISPECTOR, 1998, p. 41).

3.3. “Ela não sabe gritar” – Expressão linguística



A protagonista dessa narrativa viveu um isolamento tamanho desde a tenra idade, provocado pela tia que a criou, o que a fez estudar até o terceiro ano primário, e não tinha leitura, além de ser semianalfabeta, a fazendo enfrentar uma outra faceta da marginalização: a linguística. Tendo dificuldades com a expressão linguística, Macabéa era incapaz de ter acesso a ela mesma pela linguagem. Existe o que Barankievicz (2014) chamou de incomunicabilidade fundamental - a de não se traduzir.

Quem antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” Cairia estatelada em cheio no chão. É que “quem sou eu?” Provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto. (LISPECTOR, 1998, p. 15-16).

Essa falta de domínio mínimo da linguagem configura mais uma posição marginal em Macabéa. No diálogo apresentado no início desta seção 2, podemos perceber que ela fica em conflito com o namorado. Ele faz um comentário corriqueiro e ela questiona. Depois ele questiona o que ela questionou, quando por fim Olímpico acaba se irritando dizendo que “ela só fala besteiras”. A estrutura desse e de outros diálogos é quebrada com a falta de manejo e entendimento da língua por Macabéa. Além de isso se confirmar quando nós leitores nos deparamos nesse diálogo que ela se perde nas perguntas que recebe do namorado e não sabe explicar porque respondeu que não se habituou a ser gente, e por que não se acha gente. Outros exemplos, dos poucos diálogos que há entre Macabéa e Olímpico demonstram essa falta de manobra com a própria língua, o que a faz silenciar, sendo Olímpico sarcástico com ela, perdendo a paciência.

Ainda há esse diálogo com Glória, sua colega de trabalho:

- Por que é que você me pede tanta aspirina? Não estou reclamando, embora isso custe dinheiro.
- É para eu não me doer.
- Como é que é? Hein? Você se dói?
- Eu me doo o tempo todo.
- Aonde?
- Dentro, não sei explicar. (LISPECTOR, 1998, p. 62-63).

Macabéa sempre dá respostas sem sentido, o que a faz nunca ser compreendida no que queria dizer, ou até não compreender a colocação do interlocutor. E a falta de informação na comunicação a isolava mais e mais, vivendo completamente distante, sem comunicação. “A nordestina apresentava uma falta de identidade, um distanciamento de expressão e conseqüentemente, da linguagem” (SILVA, 2012, p. 25).

4. Considerações finais

Sem intenção de esgotar a temática da marginalização vivida por Macabéa, ao longo deste trabalho, visitamos o romance *A hora da estrela*, identificando as várias facetas de sua exclusão social e de sua vida marginalizada. Por meio da análise de fragmentos da obra, em que segue toda a narrativa direcionada pelo narrador, conduzindo o leitor a vivenciar os fatos dentro da ficção, dando voz à figura do nordestino por meio da literatura; provocando a reflexão de uma sertaneja perdida na metrópole, o que também representa tantos migrantes espalhados pelos grandes centros; para, além disso, apontar que a marginalização se dá por vias diversas como na linguística e também na alienação do ser humano em relação ao seu lugar no mundo.

A história de Macabéa termina quando ela é notada, em que é atropelada por um carro; e ainda jogada no chão, nos deixa uma última frase: “quanto ao futuro”, que não sabemos se se



trata de uma pergunta ou de uma afirmação. Dessa maneira, temos a intenção de continuar esse momento de “nascimento” da personagem, trazendo luz sobre ela para além dos faróis da Mercedes, por meio deste artigo, e dos futuros debates aqui iniciados.

Referências

BARANKIEVICZ, Ivana Vilane de Freitas. *A diáspora e as identidades culturais em A Hora da Estrela, de Clarice Lispector*. ANAIS DO VIII Colóquio de Estudos Literários. GT Diálogos e Perspectivas. 2014. pp. 211-222.

BORGES, Tânia Cristina de Souza. “*A culpa é minha*” ou “*A hora da estrela*”? : *uma análise do romance A hora estrela de Clarice Lispector*. 2014. 97 fl. Dissertação. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. 2014.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6 ed. – São Paulo: Editora Nacional, 1980.

_____. *No Raiar de Clarice Lispector*. In: _____. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 125-131.

CASTELLO, José. *Clarice na cabeceira: romances*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. Editora: Ática, 12ª Edição. São Paulo, 2002.

FUKELMAN, Clarisse. *Escrever estrelas (ora, direis)*. In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Prefácio Clarisse Fukelman. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 6-16.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa S/C Ltda. – 2.ed. ver. E aum. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. - Rio Janeiro: Rocco, 1998.

SILVA, Angélica Passos & TABAK, Fani Miranda. Marta e Macabéa: figurações da marginalidade feminina. 12 ed. In: *Web Revista Linguagem, Educação e Memória* ISSN: 2237-8332 - Julho de 2017. Disponível em:<<https://periodicoonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/1771> em: 13 dez. 2018.

SILVA, Sirlane Santos. *A Representação Social da Mulher em A Hora da Estrela de Clarice Lispector: um olhar sobre Macabéa*. 2012. 69 fl. Monografia. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas – Campus IV. 2012.